



guarda





guarda





UMA CIDADE





CAPA:
Composição sobre mapa do
Rio de Janeiro da metade do século XIX.





IZACYL GUIMARÃES FERREIRA

UMA CIDADE





*Para Pedro e Sylvia,
in memoriam*

Para Heloisa







Em outro livro eu escrevia:

*Uma cidade é onde
o fio que se adensa
afugenta o vazio.*

*Uma cidade é quando
suas luzes se acendem
- clara ilha instantânea.*

*Uma cidade é como
de longe a imaginam
- fechada cidadela.*

*Uma cidade é quem
a escreve com seu nome
e data - cidadão.*







1.

Uma cidade se faz
onde um rio, uma baía,
um mar a perder de vista,
pela altura protegida.

Uma cidade se fez
sobre um mapa que se lia,
por um sonho de conquista,
para o tempo construída.

Uma cidade capaz
de leveza e solidez.





2.

Essa cidade se fez
como se a terra falasse
e nada ficasse fora
de seu discurso geral.

Essa cidade se faz
da gente que nela nasce
e da que ali se incorpora
de maneira natural.

Essa cidade outra vez
minha paragem fugaz.





3.

Sobre teus mapas, Rio,
tuas plantas, teus guias
- tanta cartografia - ,
sob teu céu de estio,
de estrelas nunca frias
- tanta cosmogonia -,
o mapa original,
o mapa imaginário
e sem desenho igual,
já sem desejo vário :





4.

um mapa só mental,
onde não passa a ponta
de um lápis, a vogal
de um nome, nem se conta
a distância real
da natureza pronta.
Enquanto mudam ruas,
cores e alturas tuas,
perfeito e sem ajuda
há um mapa que não muda.





5.

Repare, olhe bem, talvez de cima,
essa cidade em tonta geometria.
Note o retângulo do todo, torto
como o triângulo de sua baía.
Veja os contornos longos da floresta,
as espirais dos morros costa acima.
É uma cidade toda curvas, toda
ela deixada para ser assim:
ser alta pedra e litoral, diante
de um sol sem sombra frente a um
mar sem fim.





6.

Eis o chão, o torrão
natal e nele o tempo
chafariz circulando.
O que foi onde e quando
reabre meus pulmões
ao mar me dando exemplo:
é preciso voltar
à ilha antiga e à serra
mínima. E ao falar,
que a saudade não erre.





7.

Uma cidade fala nas esquinas
onde um bar (botequim antigamente),
um sinal, um relógio, uma esperança.

Uma cidade muda nas esquinas,
se de repente sopra uma lembrança
e o que ela diz parece diferente.

Uma cidade espera nas esquinas,
quando todo o passado está presente.
Em mim, em nós, em tantas semelhanças.

Uma cidade sempre volta nas esquinas.





8.

Volta às escadarias do colégio,
à escola em sombras no pátio pequeno.

Ainda em pé, eis a primeira casa,
a da varanda que tocava o céu
descendo curvo pela rua estreita.

Mas a morte tudo espreita.
Fazendo aqui seu papel,
deu às outras cova rasa.

E eu colho nesses terrenos
da memória um privilégio.





9.

O privilégio de aprender de novo:
numa praça de mar e calçadão,
se àquele outeiro eu subir.
Aprender a não partir
de todo, a não sentir a solidão
de um diminuto exílio noutra povo.
Carregando comigo por inteiro
esse sotaque, esse acento praieiro,
vou e volto sem sair.

Não se perde a cidade numa esquina
estranha.





10.

Volto à cidade como volto a mim:
com meus sentidos prontos para o dia.
Vejo um rio que flui pelo destino
de seu nome, revejo o que ele ensina:
a fala de folhagem que respira,
a luz subindo pelos seus confins,
essa alegria que a pobreza filtra.
De visita, sem endereço fixo,
volto à cidade e ela volta comigo.
Vamos passando assim como é dos rios.





no bondinho aéreo
no bondinho térreo do meu subúrbio
no lotação

retratos francos em preto e branco
descoloridas kodakes de formatura
fraques de casamento
(na veia sentimental
não há quem fuja ao cartão postal)





e esse nó no peito
a garganta rouca
na falta de jeito
escondendo a lágrima
a lembrança louca
da primeira cama
o gentil milagre
devolvendo a infância
e uma enorme ânsia
de amar quem me ama





nessa rua mora um anjo
que roubou meu coração

nessa rua eu namorei
noutra mais me apaixonei

as namoradas!
as muito amadas
as não amadas
todas casadas
todas cansadas
as namoradas...

seu bosque se chama
saudade ou solidão





no colégio da colina
ganho o beijo da menina
e o adeus de quem amava
no colégio da colina
a educação das esquinas
e uma lição mais escrava:
a de armar esta oficina
de palavras, feras bravas
que muita usina me davam
no colégio da colina

desço a colina do colégio
deixo a memória solta navegar





a memória puxa o relógio da Central
o da Glória
puxa parentes mortos
puxa parentes vivos
amigos mortos
amigos vivos

um remorso entre parênteses
toma a barca da saudade
às vezes falsa
quase sempre verdadeira





a saudade chega à ilha
em forma de osso ou de ampulheta
escorrendo conchas pela areia grossa

passa o inventário sobrevisto de passagem
pelas linhas vermelhas amarelas
encardidas de entrevistas marés
e de invadidos mangues
e perigos

já não é nova a longa ponte sobre o mar
meu bulevar já não é





já quase nada
é o que já foi

mas recompõe-se ante meus olhos
uma antiga e extensa praia
onde as ondas repetem seu retorno

e se desfia pelas ruas
o novelo da cidade
aprendo o que ela ensina:
o refletir-se
enquanto muda a sua pele





não envelhece como nós
uma cidade
ela se faz antiga e nos ensina
a duração

não envelhece como nós uma cidade
que nos ensina
os espaços sem tempo da memória





12.

Ser de um rio é não prender-se
imóvel como pintura
entre as grades da moldura.
É não perder-se veloz
entre os vôos de umas asas.
Esse é um rio que dá voltas,
não tem foz. É um rio, vê-se,
que vai por onde vem, nesse
passar – ficar que solta e
traz a alma à sua casa.





13.

Rio meu de um solstício só.
Rio do fim e do princípio.
Pensa-lo é vê-lo abrir-se à luz
botânica de seu Jardim,
à luz marinha sobre as ilhas.
É percebê-lo em minha pele
como um selo. É navega-lo
em minhas veias para sempre.
Ser desse rio é não saber
aonde ir para morrer.





branca





Este poema comemora o cinquentenário da publicação de “Os Endereços”, livro de estréia de Izacyl Guimarães Ferreira, ganhador do Prêmio de Poesia Hipocampo Diário Carioca, com o qual Geir Campos e Thiago de Mello encerraram as celebradas Edições Hipocampo, uma série de 20 livros de luxo, impressos numa prensa manual para cerca de 100 subscritores. Iniciada com Carlos Drummond de Andrade, contou com textos originais pedidos a autores como Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Lêdo Ivo, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Cassiano Ricardo, Henriqueta Lisboa, Joaquim Cardozo... Entre os artistas ilustradores das obras figuram Iberê Camargo, Santa Rosa, Darel, Fayga Ostrower, Yllen Kerr, Telmo... Na opinião de José Mindlin, as Edições Hipocampo são das coleções de bibliófilos mais importantes realizadas no Brasil.

Esta edição, fora de comércio, é um presente da Scortecci Editora, destinada a amigos do autor e do editor.



selográfica





guarda





guarda fim

